

O sermão, o hino e a ordem do dia: memórias de uma escola isolada rural

The sermon, the hymn and an order of the day: memories of a rural isolated school

Grasielly dos Santos de Souza¹

Mirian Maria Andrade²

Resumo. Neste artigo olhamos para as memórias de sujeitos vinculados a uma escola isolada rural, localizada no município de Bandeirantes, Norte do Estado do Paraná. A modalidade de escola aqui estudada, a Escola Isolada Rural, é uma experiência educacional pública do Estado do Paraná implantada por volta de 1930 e extinta na década de 1970, representa um número restrito no conjunto de escolas primárias rurais do Norte do Estado do Paraná. A fonte principal do estudo é constituída por entrevistas realizadas com uma professora e três ex-alunas da Casa Escolar Lourenço Ormenezze, mobilizando a História Oral como aporte teórico-metodológico. Os procedimentos metodológicos possibilitaram criar quatro narrativas por meio das entrevistas realizadas. A análise das fontes orais evidenciou como principais critérios norteadores, tais aspectos: são consideradas as exigências dos inspetores de ensino e os modos como essas exigências eram (ou não) encaminhadas pelas professoras e pela comunidade campesina, com o que se esboça um cenário sócio-histórico sobre o ensino das primeiras letras na zona rural do interior paranaense e, ainda, um caminhar sobre as estruturas físicas da escola até adentrar às concepções de sala de aula. Disso resulta uma percepção da necessidade de promover a igualdade de condições para que a comunidade rural pudesse experienciar as oportunidades que lhes eram prometidas, ou seja, o direito à educação.

Palavras-chave. Escola rural, história oral, história da Educação Matemática.

Abstract. In this paper we focus at the memories of subjects linked to an isolated rural school, located in the city of Bandeirantes, north of Paraná State. The school modality studied in this work, the School Isolated, a public educational experience criated in decade

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná, grasiellysantossouza@yahoo.com.br

²Universidade Tecnológica Federal do Paraná, andrade.mirian@gmail.com



1930 and extincted in Paraná State in the 70's, represents a restricted number in the set of rural primary schools in the northern state of Paraná. The main source of the study consists of interviews with a teacher and three former students of the School House Lourenço Ormenezze, mobilizing Oral History as a theoretical and methodological approach. The methodological procedures made it possible to create four narratives through the interviews. The analysis of oral sources evidenced as main guiding criteria, such aspects: the demands of the teaching inspectors are considered and the ways in which these demands were (or not) referred by teachers or the community, with which a social-economic scenario is outlined. history about the teaching of the first letters in the countryside of the interior of the state of Paraná and, still, a walk on the physical structures of the school until entering the conceptions of the classroom. In this way, the results are the perception that the discourse advocating equal opportunities for urban and rural populations generally neglected the need to promote equal conditions so that the rural community could experience the opportunities that were promised to them: the right to education.

Keywords. School Rural, oral history, history of Mathematical Education.

1 Notas Introdutórias

Minha escola primária...
A gente chegava “- Bença, Mestre”
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada.
(Cora Coralina)

O trecho acima apresentado por Cora Carolina, ao relembrar sua escola primária, detém-se na descrição de um espaço e de um tempo. Entremeadas entre as lições e as caracterís-



ticas de um ensino, as marcas temporais e espaciais da memória ressurgem inscrevendo as experiências escolares da sua infância.

O espaço e o tempo escolares não podem ser considerados dimensões neutras de ensino ou simples esquemas formais ou, ainda, estruturas vazias da educação. De acordo com Escolano ([1], p. 26), espaço e tempo escolares “operam como uma espécie de discurso que institui, em sua materialidade, um sistema de valores, um conjunto de aprendizagens sensoriais e motoras e uma semiologia que recobre símbolos estéticos, culturais e ideológicos”.

Este trabalho tem intenção de compreender um espaço e um tempo escolar campestre, a Casa Escolar Rural Lourenço Ormeneze (1961-1971). Para tanto, recorreremos às potencialidades e às possibilidades da experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, [6], p. 25).

Deste modo, o nosso foco são as memórias de mulheres (professoras e ex-alunas) que vivenciaram essa escola rural, uma promoção das experiências verbalizadas, um encontro de alteridade, ligado a uma relação permeada de afetos, irrupções e desconstruções de pensamentos que faz dos sujeitos envolvidos corpos expostos à experiência. Para tanto, nos debruçamos no aporte teórico-metodológico da História Oral.

São elas sujeitos de visão única e singular, um território cheio de riquezas, no qual cultiva um princípio de vivências abertas, integradas às referências sociais de uma época, acompanhadas pela complexa trama da vida. Professoras. Ex-alunas. Suas narrativas sobre a Casa Escolar se relacionam entre si, formando uma teia capaz de enredar nossa pesquisa, são as vozes delas que estampam um chão, um lugar, uma escola. Num campo assim, de várias memórias, que quando descobertas “opera como uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’, nem pré-dizer” (TIZZO, [12], p. 249).

Deixar que a palavra experiência nos venha à boca (que tutele nossa voz, nossa escrita) não é usar um instrumento, e sim se colocar no caminho, ou melhor, no espaço que ela abre. Um espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (e sobretudo para a paixão). Porque as palavras, algumas palavras, antes que se desgastem ou se fossilizem para nós, antes de permanecerem capturadas, também elas, pelas normas do saber e pelas disciplinas



do pensar, antes que nos convertam, ou as convertamos em partes de uma doutrina ou de uma metodologia, antes que nos subordinem, ou as subordinemos a esse dispositivo de controle do pensamento que chamamos “investigação”, ainda podem conter um gesto de rebeldia, um não, e ainda podem ser perguntas, aberturas, inícios, janelas abertas, modos de continuar vivos, de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe, talvez (LARROSA, [6], p. 75).

Tais memórias evocadas se referem à intensa vida na roça, sobressaindo o contexto de uma Casa Escolar que ofertava o ensino para a população, a dificuldade em frequentar a escola, a precariedade do ensino, o controle dos corpos, mas também os momentos alegres de brincadeiras, em família e de trabalho concorrem com a escola como importantes espaços.

Para apresentar tais considerações o texto segue por três movimentos. No primeiro tecemos algumas questões relativas ao que a literatura apresenta sobre o cenário do surgimento das escolas rurais no norte do estado do Paraná. Percorremos por uma vista de lutas e reivindicações de um povo para adquirir direito ao acesso à educação, adentrarmos neste meio rural, na constituição das escolas e suas expansões. No segundo momento apresentamos algumas breves considerações sobre a metodologia História Oral, que mobilizamos para constituir as narrativas das nossas colaboradoras, tais narrativas permitem serem vistas, lidas, ouvidas e sentidas como modo de produção de realidades. Finalmente, no terceiro, especialmente sensibilizados pelas narrativas constituídas, levamos compreensões que envolvem modos e aspectos da Casa Escolar Rural.

Esperamos que esse texto contribua não só com questões ligadas à História da Educação, mas que permita pensar de um modo geral a formação de professores, as concepções de ensino rural e, ainda, em perspectivas sobre a Educação no Campo.

2 As escolas rurais como tema

No norte do estado do Paraná os primeiros debates sobre as escolas rurais surgiram no início do século XX, devido à colonização que acontecia, isto é, a vinda de migrantes de várias partes do Brasil a procura de um pedaço de terra, para cultivar o café. A euforia provocada pela expansão da cafeicultura no norte do Estado do Paraná engendrou sonhos e riquezas que estimulavam diferentes grupos sociais a se fixarem na região. Entretanto, podemos falar na formação de um sistema escolar rural somente a partir de 1930.

No meio deste contexto de colonização as demandas escolares e as reivindicações da população rural ao direito de uma educação para seus filhos foram aumentando gradativamente, o que fez com que o Governo Estadual criasse, então, as primeiras escolas rurais, denominadas Escolas Isoladas ou Casas Escolas, “como uma tentativa de resolver os pro-



blemas sobre a escola no campo, com características próprias e uma estrutura com muita precariedade” (SOUZA, [10], p. 17).

Essa modalidade escolar apresentava condições precárias, suas instalações eram nas fazendas ou, às vezes, nas casas dos próprios professores. Faria Filho; Vidal ([2], p. 30) destacam:

Produzia-se a representação da “escola isolada”, aquela que funcionava na casa dos professores e em outros ambientes pouco adaptados ao funcionamento de uma escola pública de qualidade, como sendo um obstáculo quase que intransponível à realização da tarefa educativa.

Eram precárias as condições do ensino primário rural, as escolas apresentavam suas instalações levantadas de madeira, nessas escolas predominava o improvisado, devido ao fato de serem constituídas por mobiliário e materiais didáticos insuficientes. As aulas eram transcritas no quadro de giz, geralmente dividido em três ou quatro partes, conforme o seu tamanho e de acordo com o número de séries constantes na mesma sala, o que caracterizava um ensino multisseriado, devido ao fato que essas escolas isoladas possuíam, geralmente, uma única sala de aula, o que exigia da professora dominar os conteúdos relacionados às quatro séries, trabalhando-os simultaneamente com os alunos.

As escolas desses bairros são não mais que uma pequena sala, com carteiras toscas, uma mesa, um ou dois armários. Um único degrau leva da escola ao pátio, que nada mais é senão a extensão dos quintais, um campo aberto de terra batida por onde transitavam animais e trabalhadores da fazenda. É dia de carpir o pátio, e as crianças - algumas descalças, todas com suas roupas cotidianas - empunham as enxadas com as quais o trabalho será feito (GARNICA, [3], p. 96).

Os professores, a maior parte deles era formada por leigos que recebiam poucos salários. Além de lecionar as aulas, eram responsáveis por toda parte administrativa dessas escolas. O desinteresse por parte do Governo por essas escolas era evidente.

[...] a escola de um só professor, a que se entregam 40, 50 e às vezes mais crianças. Funciona quase sempre em prédio improvisado. É de pequeno rendimento, em geral, pelas dificuldades decorrentes da matrícula de alunos de todos os graus de adiantamento, falta de direta orientação do professor, falta de fiscalização, falta de material, falta de estímulo ao docente. É a escola típica dos núcleos de pequena densidade de população, a escola da roça, a escola capitulada de “rural” (LOURENÇO FILHO, [7], p. 658).

Assim se configuravam as escolas isoladas do norte do estado do Paraná. Por muitos anos, inúmeras crianças passaram por esses bancos escolares, adquirindo uma alfabetização em condições precárias de estudo. Essa foi a primeira escola rural, a escola da roça, a escola do povo campesino.



Neste esboço da escola isolada rural é perceptível a necessidade de estabelecer um novo modelo de educação rural, assim o governo buscou uma reforma na instrução educacional rural, apresentando um novo modelo educacional, e criou-se, então, por volta de 1940, os Grupos Escolares Rurais.

A consolidação dos Grupos Escolares Rurais como uma nova organização administrativa - pedagógica do ensino primário concretizou-se rapidamente. Uma escola rural, moderna e de qualidade, era isso que a população sempre buscou. Esse modelo escolar trazia todos os princípios fundamentais que propiciaram as mudanças no ensino primário: a racionalização e a padronização do ensino, a divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos, a necessidade de prédios próprios, novos procedimentos de ensino, enfim, uma nova cultura escolar.

Muitos Grupos Escolares foram instalados em prédios especialmente construídos para eles, apresentando uma arquitetura edificante que colocava a escola primária rural a altura de suas finalidades políticas e sociais e servia para propagar a ação do governo. Além da organização administrativa e as belezas do edifício-escola, a inovação de um ensino seriado, ou seja, cada aluno em sua devida série conforme seu grau de adiantamento, caracterizou esses estabelecimentos de ensino como superiores ao das escolas unitárias (denominadas isoladas) e isso, possivelmente, explica o sucesso e o prestígio social que obtiveram.

Apesar de nascerem sob auspício de uma instituição moderna, os Grupos Escolares Rurais foram marcados por vários problemas decorrentes da insuficiência de recursos financeiros do Estado para manter a qualificação do ensino. Alguns dos problemas eram relacionados às más condições dos edifícios por conta da dificuldade de manutenção dos mesmos, precariedade nos materiais didáticos, entre outros. Por muitos anos, os Grupos Escolares constituíram o modelo predominante de escola, nesse período essas instituições educativas consagraram uma cultura escolar inovadora. Apesar da sua extinção, em meados da década de 1970, eles deixaram uma herança inalterada, tanto para o meio rural como para o urbano (SOUZA, [11]).

Explicitadas essas considerações relativas à constituição e a expansão das escolas rurais do norte do estado do Paraná, procuramos assentar nosso entendimento sobre esse cenário educacional rural.

Para o que se deseja com este texto passamos a apresentar, na próxima secção, a metodologia de pesquisa História Oral, que mobilizamos para constituir as narrativas, que são as versões históricas, documentos intencionalmente co-criados.



3 História Oral: breves considerações

A principal fonte para o desenvolvimento de nossa pesquisa foram as memórias das nossas colaboradoras. Para tanto, nos debruçamos no aporte teórico-metodológico da História Oral. Ao trabalhar com a esta metodologia produzimos narrativas em momentos de entrevistas. Consideramos essas narrativas como nossas fontes principais e, por meio delas, buscamos elaborar uma versão para a história do ensino rural.

Salientamos que ao se trabalhar com a História Oral “o narrado não é, e nem tem a pretensão de ser, o registro ‘real’ do passado” (GONZALES; GARNICA, [5], p. 145). Entendemos a elaboração de uma narrativa histórica como uma produção e, como tal, tem um estatuto muito diferente da experiência vivida. Para Pinto ([8], p. 868), “o significado de expressões que nos remetem a um momento passado não é ‘o momento passado em si’, mas o uso que se faz dessas mesmas expressões em um determinado jogo de linguagem”. É claro que nós não estamos nos “referindo aos acontecimentos reais do passado, e sim ao aprendizado acumulado” (WHITE, [13], p. 23).

Deste modo, as narrativas nos permitem problematizar e, ao fazerem isso, potencializam o que o sujeito, enraizado num tempo-espaço, fala sobre como percebe esse tempo a partir da memória que tem de outros espaços e tempos. “A narrativa é um universal cultural porque a linguagem é universal humano. Não podemos apagá-la do discurso, assim como não podemos declarar o próprio discurso fora-da-existência” (WHITE, [13], p. 40). Não sendo possível o acesso do acontecimento, o que existem, portanto, são elaborações realizadas a partir da memória do vivido.

Neste sentido, ao trabalhar com a oralidade, o que nos importa são as interpretações que podemos produzir a partir do que o outro tenha vivido, nesse panorama os pesquisadores, como nós, que temos nos valido da História Oral como método de pesquisa, são constituidores de registros, construímos com o auxílio dos depoentes, documentos, “a verdade que defendemos é a da criação, e não aquela concebida como tesouro escondido que o pesquisador tem que revelar” (GONZALES; GARNICA, [5], p. 146).

Neste cenário a História Oral desempenha o papel de registrar uma rica pluralidade de pontos de vistas dos nossos depoentes, assim entendemos com uma perspectiva multifacetada, diante a impossibilidade de constituir documentos que recriem a história, registrar algumas de suas várias versões aos olhos de certos atores que vivenciaram certos contextos, considerando como elementos essenciais nesse processo a memória, dos quais tantos registros possíveis, aos quais consideramos outra versão dos fatos (GARNICA, [4]). “A História Oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória” (PORTELLI, [9], p. 18).

As entrevistas que realizamos, seguindo a metodologia da História Oral, inicialmente foram transcritas e depois transformadas em textualizações que, em linhas gerais, são ver-



sões editadas das entrevistas transcritas, nas quais agrupamos tematicamente as falas gravadas e transcritas, procurando suavizar marcas da oralidade de modo a possibilitar uma leitura mais fluente. Todas as narrativas constituídas nas textualizações foram devolvidas aos sujeitos, que tiveram a oportunidade de fazer alterações, caso julgassem necessário. A versão final dessas narrativas foram publicadas em Souza [10], com a autorização dos colaboradores e a permissão para divulgação dos nomes verídicos.

Pensamos na História Oral como uma possibilidade de investigar, ao assumir a História Oral prezamos por uma metodologia em exercício, a metodologia se define e ganha contornos durante o caminhar. Portelli ([9], p. 10) destaca que “as fontes orais são utilizadas como o eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas à memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador”. Ao adentrarmos no cenário educacional dessa escola, procuramos por vestígios que nos “dissem” sobre como ela foi constituída, como ela foi possível e a partir de quais interesses ela foi documentada. Buscamos por versões possíveis que poderiam nos ajudar a elaborar outras possíveis histórias que possibilitassem o pensar e, ainda, constituir e divulgar um modelo de educação, que ao final, retrata também, possibilidades para a Educação Matemática.

4 Esboçando um retrato da Casa Escolar por meio das memórias

As narrativas propiciam um amplo campo de interpretações. Nelas, os sujeitos contaram um pouco de sua vida pessoal e profissional, falaram do funcionamento da Casa Escolar. Além disso, explicitaram os conteúdos escolares abordados em suas aulas, suas formas de trabalho, suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem descrevendo como acreditam que seja (ou que tenha sido) a melhor forma de trabalhar e estudar nessa Casa Escolar campesina.

As passagens transcritas de nossas depoentes fazem alusão ao ensino primário rural, uma tarefa intrínseca à educação institucionalizada correspondente às “primeiras letras”. Outros componentes importantes compõem suas narrativas, as trajetórias estão presentes nas memórias das ex-alunas (Deise, Lídia e Maria Rosa) e da professora (Neuza) e consideramos que é primordial levá-los em conta. Desse modo, discorreremos agora sobre alguns deles procurando destacar o que as narrativas dessas mulheres nos mostram.

Como era a Casa Escolar? Como era o ensino nessa escola? Qual era a rotina dessas alunas? O que era ensinado para os alunos? Como era estudar numa escola isolada rural? Como era a profissão Professora? Essas indagações nos fizeram refletir sobre o ensino



nas escolas isoladas rurais nas falas de nossas depoentes.

As narrativas das ex-alunas contam sobre o modo como era o ensino da época, as regras e as punições do sistema de ensino, o modo como os professores procediam para ensinar as turmas multisseriadas, suas relações com os professores, os aspectos estruturais da Casa Escolar, as dificuldades perante a procura de uma educação rural. Já a narrativa da professora nos mostra como era a prática de ensino e de aprendizagem, como era ser professora naquela época, ela nos descreveu como era ser, praticamente, o único responsável pelo funcionamento da escola.

A comparação com os dias atuais contribui para se produzir as memórias sobre as escolas rurais do passado como mais precárias, mas também para criticar as escolas e os alunos do presente. A partir desses relatos, podemos aprender vários aspectos dessas escolas isoladas rurais, como espaço físico, a materialidade, as práticas escolares e os métodos de ensino utilizados. Era comum essas escolas funcionarem em casa, porões de fazendas ou até mesmo no quintal da casa da professora. Segundo a ex-aluna Maria Rosa, “a Casa Escolar era uma casa de madeira, na qual se dividia uma única sala de aula e junto à casa da primeira professora”¹. Na perspectiva dos significados atribuídos à escola rural e ao seu entorno, a ex-aluna Deise empresta novos sentidos à escola de seu tempo, assim se manifestando:

“A escola era uma casa modesta, assim, de madeira, bem simples, tinha janelas de vidro, não tinha varanda, tinha uma única sala de aula, era simples. Na sala de aula tinha um quadro, no qual a professora repartia para todas as séries e uma mesinha lá na frente que a professora dava aula, era o que nós tínhamos!”

Outro aspecto sobre a estrutura física da Casa Escolar vem das palavras da Professora Neuza: “o prédio da Casa Escolar era um prédio bom, era de madeira, mas era tudo forrado e pintado com vitrô, naquela época uma casa, uma escola que tivesse vitrô e que fosse forrada, era muito moderna”. É notório, por meio das colocações das nossas colaboradoras, que a Casa Escolar era um prédio simples, porém, diante das condições que se encontrava era a única escola que eles tinham acesso.

A Casa Escolar Lourenço Ormenezze, inaugurada em 1961, no Bairro Ormenezze, em Bandeirantes - PR, compõe os traços da história da educação campestre, essas mulheres, em seu tempo, contam uma história como tantas outras por aí a espera de serem ouvidas. A ex-aluna Maria Rosa, daquele tempo, lembra-se da sala de aula, da escola anteriormente nominada, depondo que:

“A sala de aula era dividida em 4 fileiras, as carteiras eram duplas, sentava de dois alunos juntos, quatro fileiras de carteira dupla, os alunos eram divididos

¹Neste trabalho, toda vez que as frases surgirem em itálico e entre aspas se referem aos recortes das textualizações das entrevistas das colaboradoras.



em 3ª série, 4ª série, dividia por fileira, cada fileira era uma série”.

A visão da professora Neuza relacionada à sala em que ela lecionava suas aulas, nos faz refletir ao fazer uma comparação com os dias atuais, podemos notar que era um lugar desprovido de recursos, porém, pela visão da professora, por meio da expressão “bem completa”, a sala de aula era um espaço muito bom, diante a mobília e os aparatos que lhe era oferecida.

“A sala de aula era uma sala bem completa. Porque tinha o armário para guardar o material dos alunos, uma escrivaninha para o professor, dois quadros negros, um candelabro e dois filtros de barro dos antigos. Era uma sala completa!”

Observamos que as recordações das ex-alunas incluem obstáculos enfrentados, como o próprio caminho para a escola, os materiais didáticos utilizados, a merenda e a estrutura física da escola. Alguns andavam muito para chegar à escola, a pé ou a cavalo, pois residiam em sítios afastados. Essa dificuldade, segundo elas, acabava por prejudicar a concentração nas aulas. O caminho era com muita lama, no período das chuvas, e muita poeira, nas épocas de estiagem. Conforme as memórias de Deise “a professora morava distante da escola, em outro bairro, e ela ia de a pé dar aulas, e eu também saía de casa, eu e meu irmão, de a pé para estudar”. Maria Rosa lembra: “a merenda dos alunos era feita pelos próprios alunos e pela professora, o fogão era de lenha feito no porão da escola, os alunos buscavam água no poço e a lenha para o fogão, para fazer o lanche”.

Nas palavras da Professora Neuza também é ressaltada a dificuldade de ensinar naquela época diante uma sala de aula mista, isto é, o ensino multisseriado, “era muito difícil. Era muito difícil porque era sala mista, e crianças não são todas iguais. Mas a gente dava um jeitinho e acabava dando certo”.

A figura da professora era muito respeitada. Na comunidade, uma referência de conduta e de exemplo era a da professora, que era conselheira, confidente e educadora. Entretanto, tamanho respeito se transformava, também, em sentimentos de medo e repressão. Sobre a relação aluno- professor é notório o respeito e juntamente o medo, a ex-aluna Lídia nos conta: “a relação dos alunos com o professor era de muito respeito, havia também aqueles alunos que gostavam da bagunça, mas a maioria eram crianças vergonhosas, tímidas, que tinham medo, medo da professora”.

É notório, também, que naquele tempo havia um respeito pela professora, as ex-alunas enfatizam isso em suas falas, a professora Neuza deixa muito evidente o quanto ser professora naquela época era satisfatório: “ser professora naquela época, ter esse título de ser professora, nossa! Era o auge, nós professoras, era uma grandeza, era muito importante, nossa! Era respeitada por todos, pelos pais de alunos, pelos alunos. Era muito bom! A gente se sentia maior que as outras, um valor maior, por ser professora”.



As narrativas denunciam um aprendizado baseado na repetição como elementos do método decorativo, o ensino independia do aluno, pois este não tinha o poder de contestar e nem de dar a sua opinião. No caso, cabia ao aluno à função da “aprendizagem” decorativa e ao professor a função do ensino direto e sem delongas, com objetivo de fixação. Principalmente quando a professora Neuza, ressalta como procedia para que os alunos aprendessem o conteúdo.

Às vezes, levavam dias e até uma semana inteira no mesmo conteúdo, eu passava os mesmos exercícios no quadro, eles copiavam tudo certinho. Assim, se fosse uma continha de dividir, eu passava 242 dividido por 2, eu ia passar com os números diferentes, você não iria passar com os mesmos números, mas com os traços iguais, para os alunos tomarem bem conhecimento sobre aquela divisão, aquela subtração. Era gostoso trabalhar lá!

Ainda com relação ao método de ensino e de aprendizagem, Deise nos narra as suas lembranças das aulas de matemática, aparentando que naquela época o ensino de matemática se constituía por contas e a tão decorada tabuada:

“As aulas de matemática era assim, a professora ensinava a tabuada e a gente tinha que estudar em casa, no outro dia na aula ela tomava a tabuada de cada aluno, passava conta no quadro e a gente tinha que ir no quadro resolver”! Se não soubesse ficava de castigo! Então para não ficar de castigo estudávamos a tabuada e como se diz “ia na ponta da língua”!

Como o núcleo da instrução daquela época se assentava na tríade ler-escrever-contar, ensinar matemática esteve sempre presente na ação das professoras brasileiras. Analisando os trechos citados acima, é possível notar que os estilos e escolhas são compostas pela memorização da tabuada e dos procedimentos mecânicos para resolver as contas.

Nos dizeres da Professora Neuza, ela explicava como procedia para ensinar seus alunos, e o que os ensinava, suas metodologias e seus recursos que ela buscava encontrar para poder ofertar uma alfabetização aos seus alunos. Por meio de suas falas, notamos que a professora não contava com recursos, orientações ou auxílios para atuar nas precárias condições da escola rural. Sobre os recursos que utilizava em suas aulas é possível perceber que tais recursos eram o que se encontrava aos arredores da escola, assim a professora criava uma atmosfera de prazer e interesse para os alunos.

“Em português eu ensinava o alfabeto completo para as crianças, depois, a partir disso, ia juntando e formando sílaba e assim por diante. Em matemática, começava com números básicos, eu usava muito os grãos, sementes para ensinar, como milho, grãos de feijão, eram grãos de qualquer outra planta, até sementes de flores. No caso de diminuir, por exemplo, era nove, eu colocava nove grãos depois ia tirar quatro desses nove, aí as crianças manuseavam. As crianças adoravam!”



Alguns indícios nos permitem verificar a presença de métodos de ensino diversos, destacando-se o método individual, em que cada aluno copiava seu dever e a professora ia de carteira em carteira para atender, possivelmente por tratar-se de uma escola multiseriada. Deise nos conta que em alguns casos “a professora passava tudo no quadro, de cada série, a gente tinha que copiar no caderno e responder”.

As ex-alunas, em suas narrativas, fazem referência ao uso de cartilhas pelas professoras, quando se lembram citam até mesmo as lições que estudavam. Maria Rosa lembra de ter usado uma cartilha: “Nas aulas usávamos a cartilha, cartilha do BE-A-BA, hoje não usa mais cartilha”. Tal cartilha teve centenas de edições e era direcionada para a alfabetização rápida, fazia parte de uma série de iniciativas públicas de fixação de conteúdos.

Na Casa Escolar a rotina era um ponto muito forte presente nas narrativas tanto das ex-alunas como da professora, a ordem e a disciplina compunham a educação dos alunos que passaram por aqueles bancos escolares. A professora Neuza lembra que “era obrigatório, todos os dias tínhamos que cantar o hino nacional, no dia da bandeira cantava o hino da bandeira, isso era obrigatório!”.

A narrativa da Professora nos mostra, com efeito, o lado predominante sobre suas atividades em sala de aula, o modo como conduzia seu alunado, evidenciando o controle dos corpos, que nos passa uma impressão (ou uma falsa impressão) que tudo naquela época funcionava bem. A professora Neuza conta-nos como era a rotina do dia-a-dia na escola, ressaltando que os alunos já eram acostumados à disciplina exigida na época:

“Minhas aulas eram assim, nunca entramos numa sala de aula sem formar fila e cantar o hino nacional do lado de fora da Casa Escolar, as crianças já estava até acostumadas, cada um pegava seu lugarzinho certo na fila, do menor para o maior, eu olhava a fila e via todas as cabecinhas deles certinhas, não tinha um para um lado e outro para o outro, era tudo certinho, a fila retinha. E então, entrávamos para a sala em fila, não tinha esse negócio de entrar correndo não, do jeito que saía lá de fora entrava na sala, e cada um ficava ao lado de sua carteira em pé, rezávamos e só depois é que eles sentavam em seus lugares, sem correria, falação. Sentavam com os pés para dentro da carteira, nada de colocar os pés para fora, porque era perigoso vir uma criança, tropeçar e cair. Eu era muito rígida!”

Essa escola rural, além de cumprir seu papel com os conteúdos de alfabetização, tinha outros valores e condutas a serem inculcados, para além do que prescrevia o currículo. O castigo físico e as punições constituem outro elemento que compunham as práticas educativas. Dessa forma, rememora a ex-aluna Deise:

“[...] ela tomava toda a lição, se não soubesse ficava de castigo! O castigo era ir lá à frente ao quadro, às vezes tinha que ficar de joelho no milho ou em pé perto da professora. Então, tinha que estudar para poder passar!” [...] Naquela época tinha muito respeito, a gente tinha respeito pela professora, tínhamos medo também, porque, a professora: ‘Nossa!’.



Por outro lado, as colaboradoras lembram com saudosismo dos rituais de início de atividades, marcadas pelo hasteamento da bandeira do Brasil, do hino nacional e da oração e, também, dos recursos didáticos e materiais de que se dispunham na época. A ex-aluna Lídia, relembra da rotina: “Cantávamos o Hino Nacional todo dia do lado de fora da escola. Era tudo muito cheio de respeito, sinto muita falta daquele tempo”.



Figura 1: Alunos e professora em frente à escola, bandeira nacional hasteada.

Fonte: Acervo da escola

As palavras da ex-aluna Lídia podem ser reconhecidas na Figura 1, em que os alunos e a professora estão do lado de fora da escola, provavelmente cantam (ou se preparam para cantar) o hino, a bandeira do Brasil está hasteada, a professora se encontra na porta de entrada da sala de aula.

E ainda, a ex-aluna Maria Rosa enfatiza, que embora tudo fosse muito dificultoso, por falta de materiais e por ser um ensino multisseriado: “o ensino era bom, mesmo com toda dificuldade que a professora tinha para ensinar quatro séries juntas, eu acho que nós aprendíamos mais, porque havia respeito com o professor”.

Um destaque se relaciona aos papéis simultâneos desempenhado pelas docentes, no retrato que traça a professora Neuza, se apresenta como uma mulher forte e evidencia a sobrecarga do trabalho na escola pública rural, além de lecionar, narra ter feito vários tipos de intervenções nessa comunidade, o que representa um segundo componente das ações dos professores que ensinavam nas escolas rurais. Nessas passagens em que se refere às diversidades que enfrentou para ser professora, ela descreve:

“Na época era bem dificultoso, porque não tínhamos zeladora, secretária, não tinha nada, éramos só nós as professoras! Para fazer o papel da merendeira, que fazíamos a merenda, a gente era mãe, porque tínhamos que cuidar das crianças, éramos enfermeira se acontecesse alguma coisa, enfim, tudo que acontecia dentro da escola, éramos responsáveis. Então a gente era tudo!”

Nas memórias, a professora que dedica vários trechos à descrição dos muitos pro-



blemas de saúde das crianças a quem ensinava, se refere à higiene, assumindo responsabilidades quanto à higiene dos alunos, aparando suas unhas, o controle dos piolhos, limpeza das roupas e ensinando hábitos de limpeza. Muitas passagens de suas memórias são relatos de situações que viveu e descreve as atitudes que tomou.

A professora buscou sempre acentuar como eram os alunos por meio da sua expressão “eles eram muito obedientes”, assim definia o comportamento dos alunos, enfatizou que eles eram bem disciplinados, destacou a ótima frequência, “os alunos não tinham nem faltas”, o material escolar conservado, as crianças amáveis e educadas que aprendiam depressa. Enfatizou o sucesso nas aprovações, pela expressão “Nossa aprovação era ótima”, salientando que naquela época as crianças prestavam muita atenção nas aulas, e ressalta que os pais sempre cobravam seus filhos nos estudos.

Outro componente na atuação da professora primária da década de 1960, que queremos comentar, se relaciona ao papel da religião católica, então identificada significativamente com moral e bons costumes nos contextos educacionais. A professora Neuza narra o ensino de religião e a preparação das crianças para a primeira comunhão como uma atividade importante em sua ação como professora primária.

Por certo, algumas características da escola isolada rural, tais como, o material didático, modos de ensinar e castigos físicos, representam marcas que povoam a memória de uma geração de alunos, mais especificamente as memórias dessas três ex-alunas. Dessa forma, as práticas escolares são marcas para o entendimento da cultura escolar particularmente no que se refere à formação desses indivíduos.

Neuza manifesta seu entusiasmo em ser professora naquela época, e ainda, naquela Casa Escolar, por meio de suas expressões “aquilo me marcou muito”. Conclui sua narrativa enfatizando que lecionar naquela escola foi gratificante, “foi aquilo que me deu entusiasmo de trabalhar e de dar aulas” e considera que essa experiência de atuar nesse contexto de educação como uma fonte de motivação para a prática docente, sendo significativa para continuar lecionando por muito tempo. Seu relato ilumina, embora nesta escola, tenha sido submetida a condições muito difíceis, ela ressalta: “foi Maravilhoso! Foi ali que peguei minhas experiências, foi muito bom, e foi aonde eu aprendi mais do que eu sabia, e foi onde eu consegui dar um pouquinho de mim para um alguém”.

Interrompemos aqui nossos comentários, a despeito de podermos, sem dúvida, continuar a discorrer sobre outros aspectos dessa Casa Escolar Rural, as vivências tanto da professora como das alunas, aspectos do ensino das primeiras letras na década de 1960, no norte do estado do Paraná. Registramos como possibilidades para trabalhos futuros outros temas que as memórias dessas mulheres nos possibilitariam estudar. Podemos nos referir, por exemplo, às influências dos políticos e ao papel das autoridades educacionais, como as exigências dos inspetores escolares, na vida e na profissão docente.



5 Considerações de arremate

Tecer considerações sobre a memória e a produção das narrativas nas entrevistas, é preciso considerar que a memória filtra, reordena, omite e recria, dependendo do tempo e das circunstâncias em que é solicitada. Por meio das memórias ressurgidas sob forma de narrativas das mulheres em foco neste trabalho, percebemos que abrangem diferentes elementos que fizeram parte da escolarização individual e coletiva.

Ao focalizarmos as memórias dessas mulheres, compreendeu-se um âmbito ampliado que relevam as práticas, saberes e fazeres que predominavam no interior das escolas rurais, sobressaindo entre diversos aspectos, o currículo, a rotina, as decisões dos docentes, os materiais e recursos produzidos e utilizados por elas.

Nas narrativas das ex-alunas são ressaltadas, também, as punições de uma época, o controle dos corpos que nos faz pensar que tudo naquela época funcionava devidamente, as prescrições, obrigações e controles, e ainda o olhar que as famílias tinham sobre a escola, por meio das prescrições que os pais desfiavam para seus filhos antes de ir à escola.

Das memórias escolares emergem um passado de raízes pluriculturais, mas emerge também um universo social único, ao percorrer sob as narrativas dessas mulheres percebemos que abrangem diferentes elementos que fizeram parte da escolarização individual e coletiva, permitindo pinçar fatos compartilhados, como: a importância da escola para aquela comunidade, a circulação das representações acerca do bom professor; os processos de escolhas e indicações para a carreira docente; as práticas educativas, os saberes ensinados e os materiais utilizados, as rotinas e as punições. Olhando para a memória da docente percebemos as precárias condições de trabalho da época e as experiências sociais e importância do docente.

Narramos a história de vida de pessoas que vivenciaram e passaram pelos bancos escolares de uma escola rural. Lançando um olhar para a docente, que se tornou professora por ter os conhecimentos mínimos exigidos para a função. Suas experiências vividas numa escola isolada, rural, permitem-nos (re)construir cotidianos, aspectos da vida comunitária e, especialmente, escolar. Essa professora narrou como organizava suas aulas, o que ensinava, o modo como procedia em turmas heterogêneas, a relação dela com os alunos e familiares, que são, portanto, aspectos da cultura escolar dessas aulas isoladas rurais, que marcam a história da educação brasileira.



Referências

- [1] ESCOLANO, Agustin. Arquitetura como programa. Espaço escola e currículo. In: ESCOLANO, A. e VIÑAO Frago, A. **Currículo, espaço e subjetividade. A arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP& A Editora. Tradução Alfredo Veiga-Neto, 1998.
- [2] FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os Tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.14, p. 28-41, 2000.
- [3] GARNICA, A. V. M. Analisando Imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, vol. 23, n. 35, p. 75-100, 2010.
- [4] GARNICA, A.V.M. **A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 213 p.
- [5] GONZALES, K. G.; GARNICA, A.V. M. Explorando o conceito de ideologia: uma tentativa de aproximação entre Hermenêutica de Profundidade e História Oral. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvados, v.04, n.10, p. 141-160, jan./abr. 2019.
- [6] LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 175 p.
- [7] LOURENÇO, FILHO. Alguns aspectos da educação primária. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, n. 4, p.649-664, out/dez., 1940.
- [8] PINTO, T. P. Produção de histórias na educação matemática: um exercício com os Projetos Minerva mobilizando texto ficcional e fotografias compósitas. **Perspectivas da Educação Matemática**, [s. l.], v. 8, número temático, p. 862-881, 2015.
- [9] PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- [10] SOUZA, G. S. **Memórias da primeira década de funcionamento da Casa Escolar Rural Lourenço Ormenezze: uma narrativa**. 2017. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2017.
- [11] SOUZA, R. F. de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D. et al. (Org.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2014. p. 101-152.



- [12] TIZZO, V. S. **Mobilizações de narrativas na (e para a) Formação de Professores**: potencialidades no (e a partir do) Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro-SP. 2019. 488 p.
- [13] WHITE, H. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura 1.ed. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994 (Ensaio de Cultura; 6).